

## ***Boletim de Conjuntura Econômica de Goiás – Nº 93, janeiro de 2018***

### ***Mercado de trabalho goiano ainda sente a crise***

O mercado de trabalho em Goiás parece estar reagindo positivamente a uma possível retomada do nível de atividade econômica no estado. A taxa de desocupação, que aumentou consecutivamente a partir do 1º trimestre de 2015, apresentou sua primeira queda no 3º trimestre de 2017, não só em relação ao trimestre imediatamente anterior, como também na comparação com o mesmo trimestre de 2016. Embora não se pretenda contestar a relevância desses resultados, é importante relativizá-los.

A taxa de desocupação goiana ainda é mais de duas vezes maior do que a verificada em trimestres pré-crise. Na série iniciada pelo IBGE no 1º trimestre de 2012, seu menor nível foi de 4,0% (atingido no 4º trimestre de 2013) e atualmente essa taxa está em 9,2%.

A queda do desemprego tem se assentado no crescimento do emprego informal e no aumento do número dos chamados “conta própria”, que são trabalhadores com rendimento, mas sem vínculo empregatício, como vendedores ambulantes, camelôs, motoristas de aplicativos e alguns trabalhadores da construção. São, em geral, trabalhos menos qualificados que pagam menores salários do que outras atividades laborais.

Além disso, embora a queda da inflação tenha contribuído para aumentar o rendimento real médio, o número ainda elevado de desempregados tem contribuído para comprimir a renda dos trabalhadores. Antes da crise impactar o mercado de trabalho goiano, o rendimento real médio dos trabalhadores goianos superava R\$ 2.000,00 e agora é pouco mais de R\$ 1.900,00.

Os últimos dados disponibilizados pelo IBGE mostram que o número de pessoas desempregadas em Goiás é de cerca de 340 mil. Entretanto, se esse número for somado com o das pessoas que trabalham menos de 40 horas por semana e estão dispostas a trabalhar mais horas (pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas) e com o daquelas que não procuram trabalho por desalento (força de trabalho potencial), chega-se a um total de 662 mil pessoas.

Do último trimestre de 2014 até o 3º trimestre de 2017, a população de 14 anos ou mais de idade residente em Goiás aumentou em 302 mil pessoas. Desse total, 262 mil estavam na força de trabalho (pessoas empregadas mais pessoas desempregadas), mas o número líquido de empregos gerados aumentou apenas 94 mil. Isso significa que a economia goiana ainda está longe de conseguir incorporar os novos jovens que ingressam no seu mercado de trabalho.

Velhos desafios do mercado trabalho se exacerbaram com a crise. As mulheres continuam ganhando menos do que os homens e os trabalhadores que se declaram pretos ou pardos recebem menos do que os que se declaram brancos.

**Boletim de Conjuntura Econômica de Goiás – N. 93/janeiro de 2018.**

**Equipe Responsável: Prof. Dr. Edson Roberto Vieira, Prof. Dr. Antonio Marcos de Queiroz, Bruna Ramos Azevedo, Igor Nascimento de Sousa, Larissa Emanuely Alves dos Santos e Mylena Ribeiro Lima.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS  
CONTÁBEIS E CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
**CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**



Pelo seu calendário de divulgação, o IBGE só disponibilizará os últimos dados do mercado de trabalho relativos ao ano de 2017 no dia 23 de fevereiro deste ano. A torcida é para que o desemprego continue em queda, mas com melhora da qualidade dos postos de trabalho gerados. Sem isso, torna-se difícil sustentar um ritmo mais rápido e consistente de crescimento da economia.

**Boletim de Conjuntura Econômica de Goiás – N. 93/janeiro de 2018.**

***Equipe Responsável: Prof. Dr. Edson Roberto Vieira, Prof. Dr. Antonio Marcos de Queiroz, Bruna Ramos Azevedo, Igor Nascimento de Sousa, Larissa Emanuely Alves dos Santos e Mylena Ribeiro Lima.***